

Educação Informal No Museu de Ciências

MARTINS, Wesley Vaz¹; COLLET, Lucia Scott Franco de Camargo

Azzi²

¹Estudante do Curso de Pós Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática – IFSP, campus São Paulo; email: quiwvm@hotmail.com

²Docente/pesquisadora do IFSP, campus São Paulo; email: lucia.collet@ifsp.edu.br

PALAVRAS CHAVE: Ensino de Química; Ensino Informal; Tendências Pedagógicas.

1. Introdução e Justificativa

A educação em ciências exatas, nos dias de hoje não pode se ater ao contexto estritamente educacional (GUARACIRA, 2000). Esta afirmação, cada vez mais presente entre os educadores na área de ciências, enfatiza o papel de espaços de educação não formal, como museus de ciências, exemplificando o museu de ciências Catavento Cultural e educacional situado na cidade de São Paulo. Há uma dificuldade enorme em um mundo globalizado pensar em uma proposta de educação científica voltado para o mundo tão consolidado de altas tecnologias, nele a educação se obriga a se ater em novas “estratégias de sobrevivência” no sentido de se inserir melhor na sociedade trocando conhecimentos científicos, tecnológicos e culturais (GUARACIRA, 2000). A autora neste parágrafo esclarece uma tendência que a cada ano parece se acentuar, que é o desinteresse dos alunos ao método tradicional de educação com lousa e giz, em vista das diferentes formas tecnológicas que estão à disposição dos mesmos, sendo até um uma “luta desigual”, com presença de internet, mp3, mp4, jogos interativos entre outros. Quase todas as iniciativas voltadas a uma educação informal institucionalizada são bem vindas, sobretudo nas ciências exatas. Muitos educadores nesta área de estudo apresentam algumas dúvidas e inquietações, e as mais comuns se referem a impossibilidade de ensinar e apreender ciências nestes espaços. Não é difícil compreender a razão de tais descrenças ou restrições, basta observar atentamente a visita de crianças e jovens a um centro de divulgação científica (SHORTLAND, 1987). O autor se refere às descrenças e tais restrições a associação do ato comportamental dos alunos, com elevado grau de euforia, aversão de alguns estudantes ao espaço visitado, ansiedade, elevado nível de dispersão entre outros motivos, além do que não se pode afirmar que o propósito dos museus de ciências é ensinar ciência, mas divulgar ciências.

2. Objetivos

Analisar o quanto a educação informal pode vir a contribuir no processo ensino-aprendizagem na educação formal, verificando as tendências tradicionais e tecnicistas nos engajamentos pedagógicos.

3. Método

O presente trabalho quanto aos propósitos é classificado como exploratória e descritiva. A escolha por uma pesquisa exploratória e descritiva ocorre devido a necessidade de se ter uma maior flexibilidade relacionada ao ensino de ciências, na aplicabilidade da educação informal. A pesquisa exploratória, de acordo com Gil (2010), proporciona maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, tendo planejamento bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado.

4. Resultados e discussões

Podemos perceber que a visita ao museu catavento cultural educacional, um instrumento da educação informal, contribui em sua grande maioria com o desenvolvimento da consciência e organização de como agir em grupos coletivos, havendo uma estruturação na interação interpessoal dos indivíduos. Vivemos em um meio rodeado de estruturas multimídias que acabam afastando alunos do foco da escola, que apresenta grande dificuldade de se adequar a tais tecnologias. Nunca, como hoje, foi possível aprender com uma variedade tão alargada de meios nos quais se encontram a informação. Os livros, as revistas, o vídeo, o cinema, a televisão, a fotografia, os jornais, o software do computador, os multimídia e as pessoas com as quais convivemos no dia-a-dia, entre outros, constituem os suportes aos quais podemos recorrer para termos acesso à informação. Logo, percebemos que até aqueles alunos que apresentam alguma dificuldade de se integrar ao grupo, são beneficiados com o ensino informal, havendo um grande leque de informações disponíveis no museu e posteriores discussões entre colegas e familiares.

5. Considerações finais

Muitas práticas educativas não-formais enfatizam a reflexão e o conhecimento das pessoas sobre os direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais. Também estimulam os grupos sociais e as comunidades a se organizarem e proporem a interlocução com as autoridades públicas, principalmente no que se refere ao encaminhamento das suas principais reivindicações e na formulação de propostas sociais e políticas.

6. Referências

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro:Contraponto, 1996.

GASPAR, A.; HAMBURGER, E. W. **“Museus e centros de ciências – conceituação e proposta de um referencial teórico”**. In: NARDI, R. (org.). Pesquisas em ensino de ciências. São Paulo: Escrituras Editora, 1998.

GASPAR, A. **Museus e Centros de Ciências – Conceituação e Proposta de um Referencial Teórico**. Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo,FE/USP,São Paulo,1993.

LIBÂNIO, J. C., **A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã**. In: COSTA, M. V. (org.). A escola tem futuro? Rio de Janeiro: DP&A Editora, p.23-52.

QUEIROZ, G.; GOUVÊA, G.; FRANCO, C. **Formação de Professores e Museu de Ciência**. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; Leal, M.C. (orgs.) Educação e Museu: A Construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003.